

Clarice Lispector

QUASE DE VERDADE



ROCCO
JUVENS LEITORES

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Clarice Lispector
QUASE DE VERDADE

\

Ilustrações
Mariana Massarani



Era uma vez... Era uma vez: eu!

Mas aposto que você não sabe quem eu sou. Prepare-se para uma surpresa que você nem adivinha.

Sabe quem eu sou? Sou um cachorro chamado Ulisses e minha dona é Clarice. Eu fico latindo para Clarice e ela — que entende o significado de meus latidos — escreve o que eu lhe conto. Por exemplo, eu fiz uma viagem para o quintal de outra casa e contei a Clarice uma história bem latida: daqui a pouco você vai saber dela: é o resultado de uma observação minha sobre essa casa.

Antes de tudo quero me apresentar melhor.

Dizem que sou muito bonito e sabido. Bonito, parece que sou. Tenho um pêlo castanho cor de guaraná. Mas sobretudo tenho olhos que todos admiram: são dourados. Minha dona não quis cortar meu rabo porque acha que cortar seria contra a natureza.



Dizem assim: “Ulisses tem olhar de gente”. Gosto muito de me deitar de costas para coçarem minha barriga. Mas sabido sou apenas na hora de latir palavras.

Sou um pouco malcriado, não obedeco sempre, gosto de fazer o que eu quero, faço xixi na sala de Clarice.

Fora disso, sou um cachorro quase normal. Ah, esqueci de dizer que sou um cachorro mágico: adivinho tudo pelo cheiro. Isto se chama ter faro. No quintal onde estive hospedado cheirei tudo: figueira, galo, galinha etc.

Se você chamar: “Ulisses, vem cá” — eu vou correndo e latindo para o seu lado porque gosto muito de criança e só mordo quando me batem. Pois não é que vou latir uma história que até parece de mentira e até parece de verdade? Só é verdade no mundo de quem gosta de inventar, como você e eu. O que vou contar também parece coisa de gente, embora se passe no reino em que bichos falam. Falam à moda deles, é claro.

Mas antes de começar, pergunto a você bem baixo para só você ouvir:

— Está ouvindo agora mesmo um passarinho cantando? Se não está, faz-de-conta que está. É um passarinho que parece de ouro, tem bico vermelho-vivo e está muito feliz da vida. Para ajudar você a inventar a sua pequena cantiga, vou lhe dizer como ele canta. Canta assim: **pirilim-pim-pim, pirilim-pim-pim, pirilim-pim-pim.**

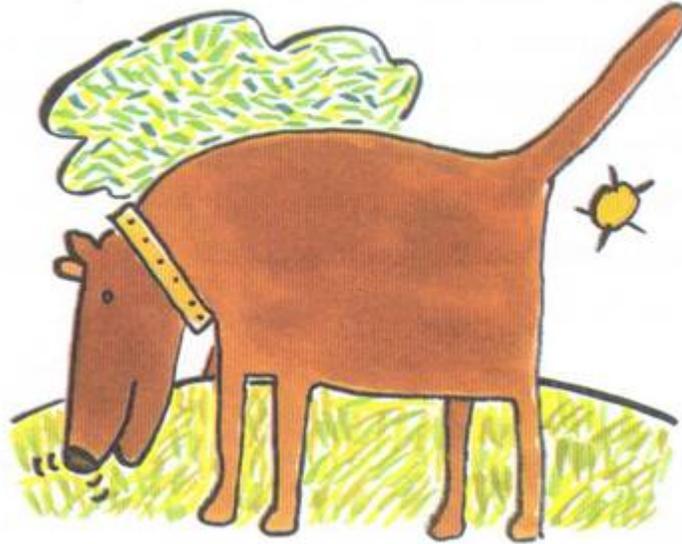
Esse é um pássaro de alegria. Quando eu contar a minha história vou interrompê-la às vezes quando ouvir o passarinho.

E a história?



Bem, ela se inicia no enorme quintal de uma senhora chamada Oniria.

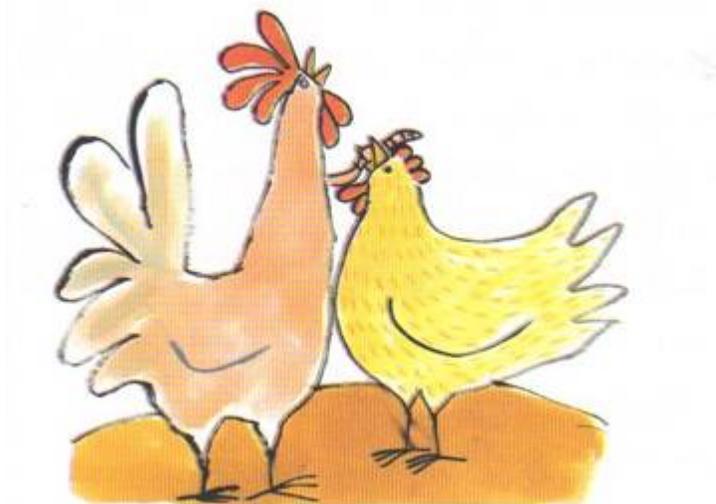
Oniria é meio mágica também, mas só quando entra na cozinha. Imaginem que, com ovo, farinha de trigo, manteiga e chocolate, ela consegue fazer explodir um bolo que é gostoso até para rei e rainha. Pergunto a você: quem é a pessoa mágica na cozinha de sua casa?



Nesse quintal que visitei e cheirei, o que havia? Havia uma árvore enorme chamada figueira — e galos e galinhas.

Tudo corria em paz naquela zona: a chuva alimentava a bela figueira, o Sol lhe dava vida. Oniria fazia bolos, sem contar que, além do milho que os galos e galinhas comiam, o terreno era cheio de minhocas, sobretudo depois que chovia, oh terra boa.

Oniria gostava muito da grande figueira e das aves. Tinha até um livro que ensinava como fazer para as galinhas botarem ovo forte: era dando água, em vez de fria e pouca, morninha e muita. Quanto à figueira, Oniria punha de vez em quando nas suas raízes terra adubada de onde ela tirava comida com vitamina.



Entre os galos e as galinhas existiam duas aves muito importantes porque eram inteligentes, bondosas e protegiam os seus amigos. Eram como o rei e rainha do galinheiro. O galo se chamava Ovidio. O ‘O’ vinha do ovo, o ‘vidio’ era por conta dele. A galinha se chamava Odissea. O ‘O’ era por causa do ovo e o ‘dissea’ vinha por conta dela.

Aliás o mesmo acontecia com Oniria: o ‘O’ do ovo e o ‘niria’ porque assim queria ela. Casada com o seu Onofre. Bem, você já sabe que o ‘O’ de Onofre era em homenagem ao ovo — você adivinhou certo: o ‘nofre’ era malandragem dele. E patati e patatá. Au-au-au!

Assim corria a vida. Mansa, mansa.

Os homens homenzavam, as mulheres mulherizavam, os meninos e meninas meninizavam, os ventos ventavam, a chuva chuvava, as galinhas galinhavam, os galos galavam, a figueira figueirava, os ovos ovavam. E assim por diante.

A essa altura, você deve estar reclamando e perguntando: cadê a história?

Paciência, a história vai historijar. E é para agora mesmo. Começa assim: Era um dia de domingo, sem nenhum programa, sem nenhum divertimento, era um dia de nada. Quer dizer, nada acontecia. Tudo igual. O Sol cantando. De pura tagarelice as galinhas cacarejavam. Mas a calmaria não durou muito. E a culpa foi da figueira que não se sabe por que nunca dera figos.

(Pirilim-pim-pim, pirilim-pim-pim, pirilim-pim-pim)

Não é que lá para meio-dia a figueira, por não ter o que fazer, se esforçou para pensar. O esforço era tão grande que até caíram no chão algumas de suas folhas. E ela enfim teve um pensamento.

O pensamento era o seguinte:

A vida do galo e da galinha é uma verdadeira festa. Ovidio cocorica, as galinhas põem ovos. Mas e eu? eu, que nem figo dou?

E patati e patatá.

O pensamento da figueira apodreceu e virou inveja. Apodreceu ainda mais e virou vingança. A figueira, que não dava frutas e não cantava, resolveu enriquecer à custa dos outros. Queria se aproveitar dos filhos de Ovidio, Odissea e outras aves. Se ao menos cantasse ela perdoaria.

Mas assim não. (Au. au, au!)

De pensamento em pensamento, todos cheios de raiva, a figueira chegou a uma infeliz solução: ia fazer uma coisa que você não adivinha.

Sabe o quê? *Essa danada de figueira entrou em contato com uma nuvem preta que era bruxa.* E pediu:

— Bruxa, bruxinha, faça com que os ovos sejam meus, mesmo que não cocorique como Ovidio! Quero vender esses ovos e ganhar muito dinheiro!

Foi assim que falou e nos seus olhos havia um brilharco de sem-vergonhice.

A bruxa má se chamava Oxelia. O ‘O’ etc. etc., você já sabe. Ela, uma vez consultada, nem precisou pensar muito: era tão ruim que era nuvem que nem chover chovia. E vou contar mais: ela quis fazer favor à figueira porque queria que essa, no fim, levasse a pior. Desculpe, mas ainda não conto agora qual foi o fim. Aguarde.

Quer saber o resultado da conversa da figueira com Oxelia? Foi o seguinte: de noite as folhas da

figueira ficavam acesas como se o Sol batesse nelas.

E as galinhas, pensando que era de dia, punham ovos.

A figueira também tinha pedido a Oxelia para que as galinhas botassem ovos no chão, junto das raízes.

O que aconteceu? Aconteceu que as galinhas ficaram assustadas porque nunca mais dormiam e botavam ovo sem parar, o tempo todo.

Quanto a Ovidio, ele se estrepou: como pensava que era de dia, ficava rouco de tanto cocoricar.

(Piririm-pim-pim, piririm-pim-pim, piririm-pim-pim)

Enquanto isso, a figueira juntava ovos que não era vida e tudo para vender e virar milionária. E nada pagava às galinhas, nem com milho, nem com minhoca, nem com água. Era só aquela escravidão.

Odissea, vendo as coisas mal paradas, cacarejou para Ovidio:

— Estamos exaustas, preciso ter uma conversa séria com você.

No que ela disse, pôs cansada um ovo.

(Au, au, au. Estou latindo com muita raiva e Clarice está até assustada.)

Ovidio, assim como Odissea, era um galo que pensava muito. Conversaram no fundo do quintal, e patati e patatá, e patati e patatá. Passaram dois dias se entendendo com palavras de aves.

Resultado?

O resultado foi esperteza daquelas.

Não havia dúvida: eles iam contra a figueira ditadora, iam exigir os seus direitos, pôr ovos para eles mesmos, reclamar comida, água, dormida e descanso.

Você está pensando com certeza que Oniria não tomava providências. Resposta: ela e o Onofre tinham viajado e não sabiam que desgraça estava acontecendo no galinheiro.

Tinham deixado um empregado tomar conta de tudo, mas esse empregado, de nome Oquequê (o ‘O’ de ovo, e assim por diante), esse empregado era preguiçoso e só fazia comer, dormir e namorar, sem tomar conta de nada.

Devo dizer que de dia a figueira não passava de uma figueira comum, para não dar na vista de quem a observasse.

Quando todos dormiam é que ela se acendia toda em luzes, conforme Oxelia combinara. Odissea e Ovidio resolveram uma coisa que você vai saber agora mesmo.

Eles cochicharam a resolução para as outras aves num patati e patatá.

E quando chegou a noite perigosa e a figueira embruxou-se em brilharecos de luz — bem, as galinhas todas, lideradas pelo presidente e presidenta delas, quer dizer, por Ovidio e Odissea, fizeram um esforço de vôo e empoleiraram-se subindo nos galhos da figueira. E de lá de cima botavam ovos.

Você acha que isso é bobagem delas?

Pois, au, au, au, é engano seu, O que é que acontecia? Acontecia que os ovos caíam no chão, quebrando-se eles todos, e era casca para um lado, gemarada para outro, claras por aí mesmo, tudo apodrecendo na terra. É uma pena sacrificar tanto ovo? É, mas às vezes a gente precisa fazer um sacrifício.

A figueira ficou horrorizada com o desperdício.

Era um prejuízo danado. E nem ao menos ela gostava de omelete. E toca os ovos a caírem. Cada ovo que caía, fazia no chão o seguinte barulho: pló-quititi, pló-quititi, pló-quititi.

Ao mesmo tempo, Ovidio começou a cocoricar:

— Queremos a liberdade de cantar só de dia!

As galinhas cacarejaram ao mesmo tempo:

— Queremos só pôr ovo só quando decidirmos e queremos os ovos para nós! São os nossos filhos!

A barulheira deixava a figueira meio surda. Bem que ela quis consultar a bruxa sobre o que deveria fazer. Mas Oxelia estava ocupada com outro serviço, serviço que era de maldade também.

A figueira estava meio endoidecida e implorou auxílio especial, como consulta de médico (só que médico é bom) e a feiticeira Oxelia, cada vez mais preta, concordou em dar resposta.

Como eu, cachorro Ulisses, disse no começo, acontece que Oxelia tinha uma maldade tão grande que queria mal também à figueira, até então sua companheira de ruindade. E ela disse:

— Considere-se feliz! pois eu poderia castigar você mandando fazer uma noite de tempestade e fazendo com que um raio caísse em cima de sua copa e partisse em dois o seu orgulhoso tronco!



As galinhas e os galos estavam livres, enfim! E foram dormir, pois estavam precisando depois de tantas noites de insônia.

A figueira ficou boba: ela não sabia até então que não se deve ser amigo dos ruins.

Então, muito humilhada, viu se apagarem as suas luzes.

De madrugada, Ovidio cantou tão lindo como nunca havia cantado. E as galinhas se espreguiçaram felizes.

Todos estavam tão contentes que Ovidio e Odissea resolveram organizar uma festa. E, para agradar as aves, compraram mil pirulitos.

Acontece, porém, que elas não sabiam que pirulito é para ser chupado ou lambido e começaram a mordê-los: crack, crack, crack com os dentes. O que aconteceu? aconteceu que os dentes se quebraram todos. É por isso que as aves não têm dentes. Pelo menos é isso que eu penso, au, au, au.

(Pirilim-pim-pim, pirilim-pim-pim, pirilim-pim-pim)

Foi quando Oniria e Onofre voltaram da viagem. E encontraram muita alegria entre os galináceos e gostaram de vê-los. Mas observaram que eles não tinham mais dentes. Então Oniria disse para Onofre:

— Vamos deixar que eles visitem outras terras porque pode ser que encontrem uma comida nova que não precisa ser mastigada!

Dito e feito. E daí a pouco deixaram Ovidio e Odissea levar a turma toda para passear.

Era uma beleza o campo: uma relva verdinha e fresquinha onde as aves esfregavam os bicos.

Uma delícia.

Mas a fome veio. E cadê o que comer? Pois bem. Ovidio e Odissea se lembraram de uma bruxa muito da boa chamada Oxalá — o O' do ovo, 'xalá' por vaidade. Ela era mágica e atendeu ao pedido. Guiou-os pela mata afora e mostrou-lhes um pé de jabuticaba.

Você sabe o que é jabuticaba?

É uma fruta redonda e preta que só existe no Brasil.

Ovidio e Odissea ficaram contentes porque sabiam que Oxalá sempre cumpria o que prometia.

Então pediram mais.

— Oxalazinha, vê se dá um jeito para fazer com que a nuvem preta, a Oxelia, deixe de ser ruim!

Oxalá sorriu e disse:

— Pois bem: ela não vai ser mais perigosa e daqui a umas horas ela vai chover. E chover em cima da figueira. Mas agora quero lhes dizer uma coisa: a jabuticaba é fruta de se comer, mesmo que não se tenham dentes.

Meio com medo, as aves pegaram com o bico as jabuticabas. E com o bico mesmo estalaram essas frutinhas. O barulho era assim: plique-ti, plique-ti, plique-ti .

Acharam a jabuticaba uma maravilha. Embora tivesse no fundo um azedozinho. Como você sabe, a jabuticaba tem um caroço que é doce e

depois de chupado um pouco azedo.

Elas crescem na jabuticabeira, tanto nos galhos quanto no tronco, enchendo-a de mil jabuticabas. Estas, quando estão bem maduras e redondas, caem no chão. A gente pisa nelas e o barulho é assim:

plóqui-ti-ti, plóqui-ti-ti, plóqui-ti-ti.

Os galos e as galinhas se deliciaram ao pisar nelas: o barulho era gostoso, dava um arrepio bom. Mas ainda não tinham descoberto que a fruta era de se comer.

Enquanto isso, Odissea disse a Ovidio:

— já que estamos livres e felizes, vamos perdoar a figueira que está tão triste? Acho que ela se arrependeu.

Vamos pedir a Oxalá que cuide dela?

— Falou e disse, respondeu Ovidio.

Olharam para o céu e viram Oxalá.

Ela estava linda no céu azul-claro: branca e dourada e brilhosa pelo Sol que batia nela. Ouviu o pedido de perdão e disse:

— Está bem, vou perdoar a figueira. E mais ainda: vou fazer comm que ela tenha filhos, quer dizer. figos.

Mas aconteceu uma coisa: as aves ficaram com o caroço das jabuticabas na boca e não sabiam o que fazer.

Perguntaram então a Odissea e a Ovidio:

— Devemos engolir ou não engolir o caroço?

Ovidio e Odissea ficaram bobos: não sabiam o que responder. Pensaram em pedir ajuda a Oxalá mas acharam que já tinham pedido muito e que tinham de se arranjar sozinhos.

(Pirilim-pim-pim, pirilim-pim-pim, pirilim-pim-pim)

Eu, que sou cachorro, não sei o que responder às aves.

— Engole-se ou não se engole o caroço?

Você, criança, pergunte isso à gente grande.

Enquanto isso, eu digo:

—Au, au, au!

E Clarice entende que eu quero dizer:

— Até logo, criança! Engole-se ou não se engole o caroço?
Eis a questão.





CLARICE LISPECTOR

nasceu em 1920, em Tchetchelnik, uma pequena cidade da Ucrânia. Veio para o Brasil quando ainda era um bebê, com seus pais e suas irmãs. Viveu muitos anos no Recife. Desde pequena gostava de escrever e inventar histórias. Quando começou a trabalhar como jornalista, publicou seus primeiros contos. Então, nunca mais parou de escrever. Fazia livros para crianças e adultos. Casou-se no Rio de Janeiro e teve dois filhos. Viveu alguns anos em outros países: em Nápoles, na Itália; em Berna, na Suíça; em Torquay, na Inglaterra. Ao todo, Clarice Lispector escreveu vinte e seis livros. Eles fizeram tanto sucesso, que muitos foram até traduzidos em outras línguas.

Da autora:

- O MISTÉRIO DO COELHO PENSAnte
- A VIDA ÍNTIMA DE LAURA
- A MULHER QUE MATOU OS PEIXES
- QUASE DE VERDADE
- COMO NASCERAM AS ESTRELAS